

APRENDIZAGEM POR MEIO DO BRINCAR: INTERLOCUÇÕES LÚDICAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

DOI: 10.5281/zenodo.18893937

Simone Maldonado Monteiro de Oliveira

Graduação em Pedagogia. Especialização em Educação em Tempo Integral. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail simonemaldonadomonteiro@gmail.com.

RESUMO: Este paper tem como objetivo analisar a aprendizagem por meio do brincar como uma metodologia eficaz no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural das crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Partindo da compreensão de que o brincar é uma linguagem própria da infância, esta pesquisa investiga como as experiências lúdicas contribuem para a construção ativa do conhecimento, proporcionando à criança um ambiente de aprendizagem significativo, prazeroso e contextualizado. A ludicidade, quando incorporada de forma intencional e planejada ao cotidiano escolar, deixa de ser uma atividade periférica para ocupar lugar de destaque no processo pedagógico, favorecendo o desenvolvimento da criatividade, da autonomia, da cooperação e da capacidade de resolver problemas. Com base em uma abordagem qualitativa e fundamentada em referenciais teóricos como Vygotsky, Piaget e Kishimoto, o estudo propõe uma reflexão crítica sobre a prática docente e o papel do educador como mediador das interações lúdicas. São discutidas estratégias pedagógicas que visam integrar o brincar ao currículo escolar, valorizando as brincadeiras livres e dirigidas, os jogos simbólicos e as atividades que emergem do interesse das crianças. O trabalho também aponta os desafios enfrentados pelos professores para romper com modelos tradicionais de ensino, muitas vezes centrados na transmissão de conteúdos, e adotar práticas mais participativas e sensíveis à infância. Conclui-se que o brincar é um caminho potente para a aprendizagem integral e para a construção de uma educação mais humanizada e inclusiva.

Palavras-chave: Aprendizagem. Brincar. Ludicidade. Desenvolvimento Infantil. Educação.

ABSTRACT: This paper aims to analyze learning through play as an effective methodology in the cognitive, emotional, social, and cultural development of children in early childhood education and the early years of elementary school. Based on the understanding that play is a natural and essential language of childhood, this research explores how playful experiences actively contribute to knowledge construction, offering children a meaningful, enjoyable, and contextualized learning environment. When intentionally and systematically integrated into the school routine, playfulness ceases to be seen as a secondary activity and becomes central to the educational process, promoting creativity, autonomy, cooperation, and problem-solving skills. Grounded in a qualitative approach and supported by theoretical frameworks such as Vygotsky, Piaget, and Kishimoto, this study encourages critical reflection on teaching practices and the educator's role as a mediator of playful interactions. Pedagogical strategies are discussed that seek to incorporate both free and guided play, symbolic games, and activities emerging from children's interests into the school curriculum. The paper also addresses the challenges educators face in breaking away from traditional, content-centered models of instruction in order to adopt more participatory and child-centered practices. The findings reinforce that play is a powerful path to comprehensive learning and essential for building a more humanized and inclusive education that respects children's ways of being, thinking, and relating to the world.

Keywords: Learning. Play. Playfulness. child Development. Education.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

1 Introdução

Brincar é uma atividade essencial à infância, profundamente ligada à forma como as crianças exploram, compreendem e interagem com o mundo ao seu redor. Muito além de uma ação espontânea e recreativa, o ato de brincar representa uma linguagem própria da criança, por meio da qual ela expressa sentimentos, elabora vivências e constrói conhecimentos. No contexto educacional, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, o brincar deve ser reconhecido como um recurso pedagógico fundamental, capaz de promover aprendizagens significativas e duradouras.

Historicamente, a brincadeira foi, por muito tempo, relegada ao plano do lazer, sendo vista como um momento de pausa ou distração em relação às atividades “sérias” da escola. No entanto, a partir de importantes contribuições teóricas — especialmente as de Vygotsky (1991), Piaget (1971), Winnicott (1975) e, mais recentemente, Kishimoto (2002) — o brincar passou a ser compreendido como um componente vital do processo educativo. Para Vygotsky, por exemplo, o brinquedo representa um espaço simbólico onde a criança experimenta papéis sociais e internaliza normas e valores, ampliando sua zona de desenvolvimento proximal. Piaget, por sua vez, ressalta a importância do jogo no processo de assimilação e acomodação dos esquemas mentais, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo.

A ludicidade, portanto, deve ser incorporada ao projeto pedagógico com intencionalidade, planejamento e respeito ao tempo e à cultura infantil. Quando bem conduzida, a aprendizagem por meio do brincar contribui para o desenvolvimento integral da criança — não apenas no campo cognitivo, mas também no emocional, social, motor e ético. O brincar favorece a criatividade, a curiosidade, a resolução de problemas, a cooperação, o raciocínio lógico, a empatia e a autonomia, valores indispensáveis para a formação de sujeitos críticos e ativos na sociedade.

Apesar disso, ainda existem desafios significativos para a valorização efetiva do brincar no ambiente escolar. Muitos professores, pressionados por currículos engessados, avaliações padronizadas e metas de desempenho, acabam por reduzir ou até eliminar os momentos de brincadeira em sala de aula. Isso evidencia a necessidade de repensar as práticas pedagógicas e de investir na formação docente para que os educadores compreendam o brincar como uma estratégia didática e não como uma atividade meramente recreativa.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a aprendizagem por meio do brincar enquanto prática pedagógica potente e transformadora. Busca-se analisar suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem e discutir o papel do educador como mediador das experiências lúdicas, além de propor estratégias para

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

integrar o lúdico ao currículo escolar de forma significativa, respeitando as especificidades da infância e fortalecendo a articulação entre teoria e prática.

2 Desenvolvimento

2.1. Fundamentos Teóricos da Aprendizagem por Meio do Brincar

A concepção de aprendizagem por meio do brincar está enraizada nas principais teorias do desenvolvimento infantil, que reconhecem a criança como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento. Diversos estudiosos destacam o papel fundamental do brincar na constituição do pensamento, na socialização e na aprendizagem, considerando a ludicidade como linguagem essencial da infância.

Para Vygotsky (1991), o brincar é uma atividade simbólica que permite à criança transcender o aqui e agora, criando situações imaginárias em que ela experimenta diferentes papéis sociais e internaliza regras e valores. É no faz-de-conta, por exemplo, que a criança aprende a negociar, argumentar, tomar decisões e se autorregular emocionalmente. Nesse sentido, o brincar favorece o desenvolvimento da linguagem, do pensamento abstrato e da função simbólica, ampliando a zona de desenvolvimento proximal — espaço entre o que a criança consegue fazer sozinha e aquilo que pode realizar com a mediação de um adulto ou de um par mais experiente.

Jean Piaget (1971), por sua vez, compreende o brincar como parte integrante dos processos de assimilação e acomodação que estruturam o desenvolvimento cognitivo. Para ele, o jogo permite à criança experimentar, repetir e transformar a realidade, ajustando seus esquemas mentais de acordo com novas vivências. Cada estágio do desenvolvimento — sensório-motor, pré-operacional, operatório concreto e operatório formal — apresenta formas específicas de brincar, que acompanham o avanço das capacidades cognitivas da criança.

Além de Vygotsky e Piaget, autores contemporâneos como Kishimoto (2002) reforçam que o brincar é uma prática social e cultural que articula prazer e aprendizagem. A autora defende que o lúdico, longe de ser apenas entretenimento, possui intencionalidade educativa quando inserido no planejamento pedagógico. Ela também ressalta a importância de reconhecer a diversidade de formas de brincar, considerando o contexto histórico-cultural das crianças.

Winnicott (1975), em sua abordagem psicanalítica, aponta o brincar como espaço transicional entre a realidade interna e externa, sendo essencial para a saúde emocional e para o amadurecimento psíquico. Ao brincar, a criança elabora angústias, experimenta controle sobre o ambiente e estabelece relações significativas com o outro.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Portanto, sob diferentes perspectivas teóricas, o brincar se mostra como um fenômeno complexo, multifacetado e central no processo educativo. Sua presença no cotidiano escolar não apenas favorece o desenvolvimento integral da criança, como também sustenta uma pedagogia mais sensível, dialógica e respeitosa das formas infantis de conhecer e se expressar. Valorizar esses fundamentos é essencial para que o brincar seja compreendido como direito e como estratégia pedagógica qualificada.

2.2. A Importância do Lúdico no Cotidiano Escolar

Na prática pedagógica, o brincar deve ser reconhecido como um direito fundamental da criança, conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e reafirmado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segundo a BNCC (2017), a brincadeira é um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo uma das formas privilegiadas de expressão, comunicação e construção de conhecimento pelas crianças pequenas. Nesse sentido, o brincar não pode ser compreendido como um momento de “recompensa” ou “intervalo” das atividades pedagógicas, mas sim como parte estruturante do processo educativo.

A presença do lúdico no cotidiano escolar valoriza a cultura infantil e reconhece a criança como sujeito ativo, criativo e produtor de saberes. Ao brincar, ela experimenta, simula, coopera, se emociona, inventa e reconstrói o mundo à sua maneira. Jogos, cantigas, dramatizações, brincadeiras livres e dirigidas, brinquedos tradicionais ou tecnológicos são recursos que, quando planejados com intencionalidade pedagógica, contribuem para o desenvolvimento global da criança, promovendo aprendizagens significativas de maneira leve, envolvente e prazerosa.

O lúdico favorece a aprendizagem por meio de múltiplas linguagens — corporal, musical, plástica, oral e escrita — e amplia as possibilidades de interação entre as crianças e entre estas e os adultos. Ao brincar em grupo, por exemplo, as crianças aprendem a negociar regras, resolver conflitos, escutar o outro e trabalhar de forma cooperativa. Isso estimula não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento socioemocional, promovendo empatia, respeito e autonomia.

Além disso, a ludicidade permite ao professor avaliar de maneira mais sensível e contextualizada o progresso da aprendizagem. Através da observação das interações durante as brincadeiras, é possível identificar habilidades, interesses, dificuldades e potencialidades dos alunos, ajustando as intervenções pedagógicas de forma individualizada e significativa.

Contudo, é importante destacar que integrar o lúdico ao currículo exige planejamento, formação e mudança de postura por parte dos educadores. Muitos ainda resistem à

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

valorização do brincar por considerarem que ele não contribui diretamente para os conteúdos “formais” de ensino. Esse pensamento revela uma visão fragmentada do conhecimento e uma subvalorização da infância. Superar essa lógica demanda uma concepção ampliada de currículo, que considere a criança em sua totalidade e promova experiências educativas que articulem emoção, cognição e ação.

Assim, ao incorporar o brincar de forma planejada e respeitosa, o ambiente escolar se torna mais acolhedor, significativo e promotor de aprendizagens verdadeiramente transformadoras. O lúdico não é um "complemento", mas sim parte essencial de uma educação que respeita a infância e compreende seu imenso potencial.

2.3. O Papel do Educador como Mediador do Brincar

O educador tem um papel fundamental na mediação do brincar, sendo responsável por planejar, organizar, observar e intervir nas situações lúdicas de maneira intencional e sensível. Muito mais do que permitir que as crianças brinquem, o professor deve compreender o brincar como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, assumindo uma postura ativa e reflexiva diante das interações e experiências que emergem do cotidiano escolar.

A mediação pedagógica no contexto do brincar exige que o educador conheça profundamente o desenvolvimento infantil, compreenda os diferentes tipos de brincadeira e reconheça o potencial de aprendizagem presente em cada uma delas. A brincadeira livre, por exemplo, possibilita à criança tomar decisões, resolver problemas e expressar sentimentos de maneira espontânea. Já as brincadeiras dirigidas, como jogos com regras ou atividades estruturadas, permitem trabalhar habilidades específicas, como atenção, memória, linguagem, noções espaciais, entre outras. Cabe ao educador equilibrar esses dois tipos de experiência, respeitando os interesses da criança, mas também propondo desafios que ampliem suas possibilidades de ação.

Segundo Vygotsky (1991), o adulto tem a função de mediar a aprendizagem, criando condições para que a criança atinja níveis mais avançados de desenvolvimento, por meio da zona de desenvolvimento proximal. No brincar, essa mediação ocorre não apenas pela orientação direta, mas também pela criação de ambientes ricos em estímulos, materiais variados e contextos interativos que favoreçam a exploração e a imaginação. O educador, nesse sentido, torna-se um parceiro do brincar, observando atentamente, escutando as crianças e intervindo de forma ética e respeitosa quando necessário.

Outro aspecto importante é o planejamento pedagógico. A inserção do brincar no currículo não pode ser improvisada ou pontual. É necessário pensar nas brincadeiras como parte de um projeto pedagógico maior, com objetivos claros, coerentes com as faixas etárias e

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

com os campos de experiência propostos pela BNCC. Isso demanda tempo, estudo e diálogo entre os profissionais da escola.

No entanto, muitos educadores ainda enfrentam obstáculos para assumir essa postura mediadora. Falta de formação específica, excesso de burocracia, ambientes escolares pouco estimulantes e a pressão por resultados imediatos são fatores que dificultam a valorização do lúdico como prática educativa. Superar esses desafios exige investimento em políticas públicas de formação continuada, bem como uma mudança de cultura institucional que reconheça o brincar como eixo estruturante da pedagogia da infância.

Em suma, o educador é peça-chave para que o brincar deixe de ser apenas uma atividade recreativa e se torne, de fato, uma experiência significativa de aprendizagem. Seu olhar atento, sua escuta sensível e sua intencionalidade pedagógica são fundamentais para transformar o cotidiano escolar em um espaço de descobertas, relações e aprendizagens profundas.

3 Considerações Finais

A aprendizagem por meio do brincar representa uma abordagem pedagógica potente, que reconhece a criança como protagonista de seu processo de desenvolvimento e valorização de sua forma própria de conhecer o mundo. Fundamentada em teorias do desenvolvimento infantil e respaldada por documentos oficiais como a BNCC, a ludicidade se configura como direito e necessidade, especialmente nos primeiros anos da escolarização. Ao brincar, a criança ativa suas capacidades cognitivas, afetivas, sociais e motoras, estabelecendo relações significativas com o conhecimento, com o outro e consigo mesma. Nesse contexto, o brincar deixa de ser um momento isolado e passa a ser entendido como eixo estruturante de práticas educativas mais humanas, participativas e contextualizadas.

Para que essa concepção se efetive no cotidiano escolar, é imprescindível a atuação consciente do educador como mediador das experiências lúdicas. Planejar, observar e intervir de forma intencional são atitudes que ampliam as possibilidades de aprendizagem durante o brincar, sem retirar da criança sua autonomia e espontaneidade. Contudo, ainda é necessário superar resistências históricas que desvalorizam o lúdico e limitaram, por muito tempo, o brincar ao campo do “não pedagógico”. Investir na formação docente, na organização de ambientes estimulantes e em propostas curriculares que respeitem os tempos e modos da infância é um passo essencial para consolidar uma educação que compreende o brincar não como um adereço, mas como essência do aprender na infância.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Referências Bibliográficas

- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 2002. PIAGET, Jean. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1971.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação, 2017. BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1998.
- ARCE, Alessandra. *Brincar na educação infantil: uma prática pedagógica necessária*. Campinas: Papirus, 2003.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.